

Carlos Alberto Montaner

“O idiota latino-americano é imortal”

Duro crítico do esquerdismo regional, o escritor cubano diz que nossa tradição intelectual é contra o sucesso

JOSÉ FUCS

O ESCRITOR E JORNALISTA CUBANO CARLOS ALBERTO Montaner, de 65 anos, é um dos críticos mais ácidos – e mais bem-humorados – da esquerda latino-americana. Não poupa nem mesmo o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, pelo apoio que dá a seu colega venezuelano Hugo Chávez. “O Lula faz uma coisa parecida com o que fazia o PRI (*Partido Revolucionário Institucional, do México*) quando estava no poder: pratica uma política conservadora dentro do país e faz um jogo sujo na política externa”, diz. “Usa seu coração de esquerda no exterior. E, no Brasil, governa com o ventrículo direito.”

No fim dos anos 90, Montaner tornou-se mais conhecido no país com a publicação do livro *Manual do Perfeito Idiota Latino-Americano*, escrito em conjunto com o colombiano Plínio Apuleyo Mendoza e o peruano Álvaro Vargas Llosa (filho do escritor Mário Vargas Llosa). O livro traçava um retrato patético das idéias revolucionárias que

se mantinham vivas na região, no limiar do século XXI, inspiradas no ex-presidente cubano Fidel Castro e no mito de Che Guevara, um dos mais famosos guerrilheiros comunistas da História, morto na Bolívia em 1967. Recentemente, lançou *A Volta do Idiota*, também escrito em parceria com Mendoza e Llosa. O livro foi inspirado pela ascensão

ao poder de Chávez e dos presidentes da Bolívia, Evo Morales, do Equador, Rafael Correa, e até de Lula, no Brasil. “Quando escrevemos o *Manual do Perfeito Idiota*, acreditávamos que isso era coisa do passado. Agora, descobrimos que não é. Provavelmente, dentro de dez anos, comprovaremos que o *Idiota* é imortal”, afirma Montaner. No início de abril, depois de dar uma palestra sobre “Mercados Globais e Estados Nacionais” no Fórum da Liberdade, promovido pelo Instituto de Estudos Empresariais (IEE), em Porto Alegre, ele falou a *ÉPOCA* sobre seu novo livro, o futuro de Cuba pós-Fidel e sobre os erros cometidos pelas elites latino-americanas.

ÉPOCA – Há dez anos, o senhor escreveu o *Manual do Perfeito Idiota Latino-Americano*. Por que voltar ao assunto agora?

Carlos Alberto Montaner – Quando publicamos o *Manual do Perfeito Idiota*, acreditávamos, de forma equivocada, que isso era coisa do passado. Agora, decidimos escrever *A Volta do Idiota* porque descobrimos que não é. Ele sempre esteve aí. Provavelmente, em dez anos, comprovaremos que o Idiota é imortal.

ÉPOCA – A que o senhor atribui o crescimento da esquerda na América Latina?

Montaner – Acredito que isso é resultado dos erros cometidos no passado. ►

► QUEM É

Nasceu em Cuba, de onde fugiu em 1961, aos 18 anos. Emigrou para os EUA e radicou-se na Espanha, em 1970

► ONDE ESTUDOU

É mestre em Arte pela Universidade de Miami

► O QUE FAZ

É professor de História da Liberdade e articulista de jornais da América Latina, da Espanha e dos EUA. É co-autor dos livros *Manual do Perfeito Idiota Latino-Americano* e *A Volta do Idiota*. É vice-presidente da Internacional Liberal, com sede em Londres



Foto: Omar Torres/AFP

A sociedade não se via representada no Estado, não sentia que seus interesses eram atendidos. Deve-se também ao comportamento arbitrário e muitas vezes injusto e à margem da lei das classes dirigentes. A relação entre a sociedade e o Estado estava montada em cima da cumplicidade entre as classes dirigentes e os governantes. Tudo isso foi desgastando a idéia de que a saída para a superação dos problemas se encontrava no trabalho e na responsabilidade.

ÉPOCA – Como o senhor vê o apoio de Lula a Chávez e outros líderes de esquerda da região, como Evo Morales, da Bolívia, e Rafael Correa, do Equador?

Montaner – O Lula faz uma coisa parecida com o que fazia o PRI, partido que governou o México durante sete décadas. Pratica uma política conservadora dentro do país e faz um jogo sujo na política externa. Usa seu coração de esquerda no exterior. E, no Brasil, governa com o ventrículo direito. É lamentável que Lula, que tem um grande respaldo popular dos brasileiros, tenha o repúdio de 60%, 70% dos venezuelanos. Eles o vêem como um aliado de Chávez. Quando as coisas na Venezuela mudarem, a população não vai sentir o governo de Lula como amigo. Vai vê-lo como um governo que ajudou um regime que violou seus direitos.

ÉPOCA – Por que as idéias liberais não prosperam na América Latina?

Montaner – Desde o século XIX até agora, houve a influência de uma das mais perniciosas idéias, que é a crença de que a solução dos problemas econômicos vem do Estado. Isso é assim no Brasil, desde os positivistas e a criação da República, no México e nos demais países da região. Durante todo o século XX, os fascistas, os comunistas, a doutrina social da Igreja, os militares concordavam com esse ponto de vista. O pensamento liberal praticamente desapareceu na América Latina. A idéia de que alguém vai solucionar nossos problemas, que nossas dificuldades são consequência de alguém que tirou algo de nós e que depois o Estado virá para solucionar tudo, é poderosa. O populismo tem uma atração muito grande.

ÉPOCA – As pessoas parecem não acreditar na livre iniciativa...

Montaner – A livre iniciativa, o espírito empresarial, não faz parte da tradição latino-americana. Nossa tradição intelectual é antiempresarial, antimercado, contrária ao sucesso. Geralmente, acredita-se que quem conseguiu se dar bem é porque tirou algo de alguém. Isso explica por que alguns povos que eram muito mais atrasados que a América Latina hoje têm um nível de desenvolvimento muito maior. Talvez isso esteja mudando, mas essa é uma batalha longa.



O Lula usa seu coração de esquerda no exterior. E, no Brasil, governa com o ventrículo direito”

ÉPOCA – O senhor diz que isso explica a reação à globalização, vista como ameaça à cultura regional. E não é?

Montaner – A globalização é a intensificação dos laços internacionais nos terrenos econômico, tecnológico, financeiro. Graças a ela, 300 milhões de chineses e 250 milhões de indianos saíram da pobreza. Acreditar que a globalização é um fenômeno negativo é ir contra os fatos. Creio que esse discurso antiglobalização calcado na soberania nacional, na limitação da atuação nos chamados setores estratégicos a empresas estatais, é um disparate. O problema é que muita gente acredita nisso.

ÉPOCA – A globalização não está pas-

teurizando as culturas locais com base na cultura americana?

Montaner – A globalização é um símbolo da sociedade ocidental desde os tempos mais remotos. A cultura do poder dominante sempre exerce influência sobre as demais: a religião judaico-cristã, o direito romano, o mundo germânico. Há um processo permanente de mestiçagem. Ao longo do tempo, um centro de poder no mundo ocidental sempre cedeu lugar a outro. Foi assim com Grécia, Roma, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Japão, China. Nada impede que um dia seja o Brasil. É só fazer as coisas certas.

ÉPOCA – Em Cuba, como o senhor vê a transição de Fidel para Raúl Castro?

Montaner – É um passo milimétrico, mas importante. As primeiras medidas que Raúl tomou em poucos meses são melhores que as que seu irmão havia tomado em 50 anos. Agora, os cubanos podem entrar em hotéis para turistas, comprar telefones, computadores, embora ainda não possam se conectar com a internet. Suponho que, em breve, poderão fazê-lo. Mas acredito que, num dado momento, as reformas superarão Raúl Castro e entraremos num processo efetivo de democratização. Os cubanos querem mais que computadores. Querem ter o controle de suas decisões e poder fazer com sua vida o que desejarem. Um dos problemas mais graves dos sistemas totalitários é que eles sequestram a capacidade dos indivíduos de tomar decisões. Os Estados se convertem em senhores da vida das pessoas. Dizem o que elas podem estudar, onde vão trabalhar.

ÉPOCA – Na área econômica, Cuba ficou para trás...

Montaner – Cuba e Coreia do Norte. É só olhar para a Coreia do Sul hoje para se dar conta dos horrores que acontecem na Coreia do Norte. Com Cuba, é a mesma coisa. É só ver o que aconteceu com os cubanos que saíram da ilha. No último censo americano, do ano 2000, descobriu-se que a segunda geração de cubanos radicados nos Estados Unidos tem um nível educacional e de renda mais alto que a média da população branca americana. Quando o sistema é bom, as pessoas podem se desenvolver. ◆